



SEÇÃO: RESENHA

Resenha do livro *Conscientização*, de Paulo Freire (1979)

Review of the book Conscientização, Paulo Freire (1979)

Mariana Rosa Caixeta¹

orcid.org/0000-0001-7370-6512

marianarcaixeta@gmail.com

Recebido em: 10/10/2018.

Aprovado em: 23/09/2020.

Publicado em: 26/06/2021.

Resumo: O livro *Conscientização*, originalmente escrito em 1979, traz ao centro da discussão educacional o tema da liberdade e da libertação. A finalidade da educação é a de libertar os sujeitos da realidade opressiva e da injustiça. É dizer: a educação como prática da liberdade é reflexo da conscientização.

Palavras-chave: Política. Educação. Conscientização. Libertação. Pedagogia da liberdade e do diálogo.

Abstract: The book *Conscientização*, originally written in 1979, brings to the center of educational discussion the theme of freedom and liberation. The purpose of education is to free subjects from oppressive reality and injustice. That is to say: education as a practice of freedom is a reflection of awareness.

Keywords: Politics. Education. Awareness. Release. Pedagogy of freedom and dialogue.

Porque os homens são seres históricos incompletos, e têm consciência de sê-lo, a revolução é uma dimensão tão natural e permanente como a educação.
(FREIRE, 1979, p. 94).

Na Apresentação do livro *Conscientização*, de Paulo Freire (1979), Cecílio de Lora S. M., Diretor da Associação de Publicações Educativas, ressalta as contribuições trazidas por pelo autor no tocante ao processo de conscientização e os consequentes desdobramentos na metodologia educacional. Sequencialmente, já no Prólogo, a Equipe INODEP se preocupa em perpassar, brevemente, os conteúdos de cada divisão do livro, demonstrando, sucintamente, as temáticas. Destacada a parte introdutória, passemos a explanação da obra.

O livro *Conscientização* foi originalmente escrito em 1979, contém 102 páginas, publicado pela editora Cortez & Moraes. Encontra-se dividido, além da Apresentação e Prólogo, em três partes. A primeira intitula-se "O homem e sua experiência", a segunda parte, "Alfabetização e Conscientização" e, por fim, a terceira parte "Práxis da Libertação".

No primeiro item, "O homem e sua experiência", encontra-se uma breve biografia do autor, denominada "Paulo Freire por si mesmo". Desde o primeiro capítulo o autor procura enfatizar a importância do diálogo como principado da vida, afirmando ter aprendido com os pais e ampliado seu exercício ao longo dos anos em suas relações pessoais. Freire nasceu



¹ Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Patos de Minas, MG, Brasil.

em 19 de setembro de 1921, em Recife, filho de Joaquim Temistocles Freire e Edeltrudes Neves Freire. Perdeu o pai cedo, em Jaboatão, local onde também "experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais" (FREIRE, 1979, p. 14). A vivência nessa cidade foi o começo das indagações a respeito de possíveis formas de ajudar os homens. Foi professor do curso ginásial, licenciado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e funcionário de um departamento de Serviço Social (SESI). Casou-se com Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos, o que o fez poder se desenvolver ainda mais na área dialogal.

Nesse sentido, ainda na primeira parte, há uma contextualização do histórico da experiência do autor no Brasil e no Chile. Cumpre destacar que no Brasil o trabalho de Paulo Freire esteve intimamente relacionado com a ascensão popular e, justamente por isso, foi perseguido por grupos reacionários, que confundiram os novos métodos educativos propostos pelo autor com questões de política. Entretanto, é indiscutível que o movimento por ele iniciado em 1962, em que 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias, no Nordeste, região mais pobre do Brasil na época, foi de extrema importância para diminuir as taxas de analfabetismo e introduzir novas perspectivas educacionais.

A abrangência da pedagogia da liberdade e do diálogo, desenvolvida por Freire, alcançou, também, os programas oficiais de alfabetização do Chile. Apesar de ser considerado um método subversivo no Brasil, os materiais desenvolvidos pelo autor foram utilizados por Waldomiro Cortês, na educação, em Santiago, e responsáveis por tornar o Chile uma das cinco nações que melhor superou o problema do analfabetismo, na década de 1960.

Na sequência da leitura, nos deparamos com a segunda parte, intitulada "Alfabetização e Conscientização", que no primeiro momento, busca desenvolver a ideia do termo "conscientização", fundamento do método desenvolvido por Freire. O educador demonstra que a educação como prática da liberdade é reflexo da conscientização, ou seja, é o patamar que atingimos ao nos aproximarmos criticamente da realidade. Na tentativa de

explicar a profundidade do conteúdo da conscientização, o autor divide a análise e conhecimento da realidade em duas partes. Em um primeiro momento, a realidade é compreendida a partir, exclusivamente, da característica do homem de poder distanciar-se do objeto para admirá-lo. É, portanto, uma aproximação espontânea e ingênua, ainda não crítica. Passando, pois, para uma segunda questão, na qual há um rompimento para além da apreensão espontânea da realidade, no qual o homem se coloca diante da realidade de forma crítica, assumindo uma posição epistemológica diante de um objeto cognoscível. Nesse ponto, a consciência da realidade passa a ser a conscientização. Em resumo, a conscientização é fundir-se com a realidade, existe dentro da práxis e existe a partir do ato ação-reflexão.

Ademais, o autor demonstra a relação íntima entre conscientização e utopia. Nas palavras de Freire (1979, p. 27), "a utopia [...] é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante". Em outros dizeres, a utopia é conhecimento crítico, é a essência que nos afasta do ceticismo e nos permite acreditar e promover uma realidade ainda melhor. Para tanto, o homem, frente ao objeto, deve encontrar temáticas significativas e, por meio de ações libertadoras, promover a mudança do "status quo". Freire considerou que, no tempo em que o livro fora escrito, o tema fundamental da era o da dominação. Para tanto, propôs como superação da opressão transcender as situações-limite que reduzem o homem ao estado de coisas.

Sistematizando a educação e a conscientização, o educador expõe o que denomina "ideias-forças". A primeira delas parte da premissa de que a educação se origina do homem, como sujeito capaz de analisar e refletir acerca do próprio meio de vida, ou seja, a educação é consequência da vocação ontológica do homem e do contexto de vida. Em seguida, propõe como segunda ideia-força a premissa de que, quanto mais refletimos sobre a realidade, mais cresce nossa consciência e, conseqüentemente, nosso comprometimento de intervir em prol da modificação dessa realidade.

Não obstante, como terceira ideia-força temos que o homem é temporal e necessariamente se relaciona com algo ou alguém exterior a si mesmo. A partir dessas relações, consagra-se a quarta ideia-força: o homem cria cultura. Além disso, enquanto ser criador de cultura é, também, construtor de história. Sendo assim, Paulo Freire finaliza as colocações de ideia-força enfatizando que, para a verificação eficaz desses postulados, deve-se investir em uma educação autêntica, que se afaste da noção domesticadora e valorize a liberdade.

Adentrando em uma esfera mais prática, o autor discorre a respeito do Processo Metodológico, projetando um novo método de alfabetização pela conscientização. Em linhas gerais, a metodologia baseia-se na ideia de identificação do sujeito com o conteúdo da aprendizagem, de modo a fugir das técnicas de alfabetização tradicionais, consubstanciando uma educação intimamente ligada à experiência do educando. A proposta é que a alfabetização busque na cultura do grupo, no próprio universo vocabular, o substrato para se realizar.

Na esteira dos atos concretos da alfabetização, Freire propõe que o educador abandone a técnica da memorização e aposte na visualização da palavra geradora. Do todo, passa-se a mesma palavra separada em sílabas, de modo que o analfabeto possa conhecer a parte e o todo, aprendendo através de associações e identificação. Em suma, conforme dispõe Paulo Freire (1979, p. 49):

Percebi que a melhor maneira não era desafiar o espírito crítico, a consciência do homem, mas procurar introduzir, na consciência das pessoas, alguns símbolos associados a palavras. E, em um segundo momento, desafiá-las criticamente para redescobrir a associação entre certos símbolos e as palavras, e assim aprendê-las.

A terceira e última parte, nomeada "Práxis da Libertação", traz uma abordagem crítica da situação dos oprimidos a partir de três palavras-chaves. Na primeira delas, "a opressão", Freire demonstra como a condição de oprimido é alimentada pela própria realidade opressiva. Isso porque existe uma identificação contraditória: os oprimidos não possuem uma projeção clara sobre aquilo que realmente são, encontram-se sob um véu ma-

nipulador que os permite visualizar a si mesmos como os próprios opressores. Em outras palavras, o ideal a ser alcançado é o do opressor, pois é esse o modelo de humanidade que reconhecem.

Desse modo, para uma revolução que concretize a libertação, é preciso lidar com o problema de que, ao projetar o novo, os explorados projetam o antigo opressor, justamente porque este projeta-se continuamente sobre aqueles. Portanto, a contradição deve ser, primeiramente, rompida, de modo que o oprimido possa ter uma visão individualista da própria cultura, apresentando, então, um homem em fase de libertação. Logo, "somente os oprimidos podem libertar os seus opressores, libertando-se a si mesmos" (FREIRE, 1979, p. 59).

A segunda colocação parte da palavra-chave "a dependência", já que, por serem convencidos da própria incapacidade, os oprimidos são emocionalmente dependentes. A tarefa primordial dos países subdesenvolvidos passa a ser, então, romper com as crenças limitantes que foram a eles impostas, no intuito de conseguir a identificação e valorização em si mesmos. Nesse ponto, o autor aproveita para abordar o Fenômeno Relacional da Dependência, a partir do caso Latino-Americano, apresentando a realidade histórico-cultural a qual denomina "cultura do silêncio". Tal cultura é resultado da relação dos dominados e do dominador, das regiões subdesenvolvidas com as metrópoles, de forma que a sociedade dependente absorve e acarreta valores e estilos de vida da sociedade dominadora. A sociedade dirigente, por sua vez, detentora de poder, consegue manipular a sociedade subdesenvolvida, a partir de uma cultura de dependência. A consequência, portanto, é, conforme dispõe Freire (1979, p. 65), "a sociedade dependente, é, por definição, uma sociedade silenciosa. Sua voz não é uma voz autêntica, mas um simples eco da voz da metrópole".

Apesar de serem as sociedades latino-americanas estruturalmente fechadas, algumas fendas surgem, proporcionando uma consciência transitiva às massas. A partir de uma inquietude unida a uma liderança populista, os dominados adquirem conhecimento e criticidade – ainda que particularmente ingênuo-transitiva – da manipulação

em si mesma. É, inclusive, esse o ponto inicial da mudança e transformação. Cumpre destacar que o panorama da transição pode ensejar revolução ou golpe de Estado. No caso brasileiro, nos deparamos com o golpe militar de 1964.

Feita a ponderação relativa a respeito da dependência dos países latino-americanos, o autor volta a tratar das palavras-chaves, discorrendo sobre "a marginalidade". Segundo Freire, somos induzidos a tratar os analfabetos erroneamente como marginalizados. Isso porque marginal significa "a margem de", "fora de", indicando um movimento entre centro e periferia. Tal colocação, para o autor, não merece prosperar no campo da alfabetização, já que pressupor os analfabetos como marginalizados, seria reduzir qualquer possibilidade de alcance de liberdade por parte desse grupo. Desse modo, partindo da lógica da educação para a liberdade, os analfabetos se libertam justamente em razão de não serem marginalizados, mas, sim, homens oprimidos no interior de uma estrutura, que também fazem parte os homens definidos como autênticos. Em suma, conforme bem elenca Freire (1979, p. 75):

O analfabeto não é então uma pessoa que vive à margem da sociedade, um homem marginal, mas apenas um representante dos extratos dominados da sociedade, em oposição consciente ou inconsciente àqueles que, no interior da estrutura, tratam-no como uma coisa.

Ainda no âmbito da terceira parte, o autor dispõe acerca da nova relação pedagógica. Para tanto, inicia a argumentação afirmando que a pedagogia que se desenvolve é a das classes dominantes, justamente porque, teoricamente, tudo que advém dos que possuem mais poder é assimilado como o legítimo. O que se observa, portanto, é que o sistema de ensino representa uma estrutura de perpetuação do "*status quo*", na perspectiva da dualidade dominantes-dominados.

Nesse sentido, a opressão poderia ser contornada através de um novo método de ensino, uma nova proposta, baseada na conhecida premissa de Freire "educação como prática da liberdade". Em linhas gerais, o modo de ação a ser desenvolvido tem como aparato uma pedagogia que saia do

oprimido, uma pedagogia do oprimido. Aliado à pedagogia do oprimido busca-se, no estilo de prática social por eles desenvolvido, a conscientização.

Paulo Freire, ao analisar a perspectiva educacional até então desenvolvida se depara com uma pedagogia engessada, essencialmente narrativa – em que o professor é o sujeito narrador e os alunos sujeitos pacientes – e estáticos. Segundo o educador, trata-se de uma concepção acumulativa da educação ou, ainda, uma concepção bancária. Embasado por uma proposta de transformação, investe, então, na lógica de um educador humanista: comprometido com a evolução do aluno amparado por um pensamento crítico e membro de uma educação de caráter contínuo, sempre em movimento. É a educação problematizadora, cujo diálogo é a essência da ação revolucionária, rumo à transformação das diretrizes.

Por fim, Paulo Freire termina o capítulo derradeiro discorrendo a respeito da importância da cultura como forma de libertação. É imprescindível que os dominados tenham consciência da realidade a eles negada, uma vez que interiorizam a cultura e valores dos dominadores. Portanto, a nova ação cultural deve negar a cultura dos dominadores, como fonte de libertação. Nesse sentido, Freire propõe uma pedagogia de denúncia e de anúncio, preocupada com a problematização contínua das situações existenciais e da própria realidade dos educandos, no intuito de proporcionar a conscientização das classes pobres.

Em tempo, ressalta-se a importância do livro desenvolvido por Paulo Freire na ótica político-social atualmente vivenciada. Embora tenha sido escrito em 1979 e, para alguns, possa parecer obsoleto, cabe a ressalva de que introduz um pensamento condizente com o contexto contemporâneo. Na data da publicação desta resenha, a educação para libertação era uma luz de esperança no contexto sombrio da ditadura militar brasileira. Hoje, quase 30 anos após a edição, o livro *Conscientização* e todo seu fundamento permanecem atuais e representam uma sólida base teórica e prática, rumo à transformação de uma sociedade apática, que ainda necessita romper com o paradigma da dominação.

Referência

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

Mariana Rosa Caixeta

Mestrado profissional em andamento em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Brasil.

Endereço para correspondência

Rua Athayde José Lopes, 606
Novo Horizonte, 38703576
Patos de Minas, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Zeppelini Publishers e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.